

CONDECORAÇÃO

Contou-me outro dia um brasileiro o que lhe aconteceu em um posto da zona francesa da Alemanha. Ele viajava com sua senhora. Primeiro, um funcionário alemão pediu os passaportes; examinou-os minuciosamente para ver se os retratos eram deles mesmos, se os vistos estavam em ordem, se tudo estava anotado, carimbado e dentro do prazo. Depois fez diversas perguntas da praxe, ouviu com atenção as respostas, examinou a bagagem, volume por volume e, com uma saudação militar, libertou o casal. Chegou a vez do funcionário francês. Pegou em primeiro lugar o passaporte da senhora. Lançou-lhe um olhar e imediatamente o fechou, entregando-o de volta:

— Meus cumprimentos, minha senhora! E muitas felicidades!

E dispensou tudo o mais: era o dia aniversário da esposa de meu amigo. "Só um francês — disse meu amigo — seria capaz de um gesto assim".

São muito galantes os franceses. O pior, entretanto, é que eles nos obrigam a sê-lo também, e de maneira um tanto violenta, como aconteceu no primeiro dia deste ano. Estimo e admiro grandemente os srs. Gustavo Capanema e Olegário Mariano, mas estou certo de que não foi por causa de nenhum dos dois nem de outros condecorados que eu e mais muitas dezenas de pessoas fomos de azul-marinho à embaixada de França. Havia duas senhoras recebendo a Legião de Honra, Beatrix Reynal e Morineau. É natural que seus amigos e admiradores quisessem assistir a honrosa cerimônia. Pois o embaixador nos obrigou a ser heróicamente galantes, para não ser monstrosamente grosseiros: marcou para a solenidade as chuvosas 11 horas da manhã do dia primeiro. Uma hora em que todo cidadão honrado em qualquer país do mundo está profundamente de pijama — se é que teve forças para vesti-lo na aurora do "reveillon".

Meu consólo era olhar a cara do Jean Manzon, vindo quase diretamente do "Vogue", ou do Guilherme Figueiredo saído pouco antes do late; olhávamo-nos mutuamente nós três as nossas caras de fantasmas de 1951, lavadas, esfregadas às pressas, nossas pobres cabeças vazias, roubadas sem misericórdia às profundezas do sono para o impacto cruel do chuveiro, para fingir de 1952. O embaixador, com sua voz engrossada pelo microfone, dizia substantivos e adjetivos graves — mas dentro de nós os sambas e marchas ainda remofam telmosamente: "vagabundo nenhum põe a mão!". Acho que, ao abraçar Beatrix, eu disse apenas, comovido: "Feliz Natal!" E sorvi a taça de champanhe com um ar automático de quem cumpre o seu dever, vagamente espantado de ainda haver bebida àquela hora.

Ou foi tudo um sonho? Se eu estava sonâmbulo, ou apenas sonhando, me desculpo com você, Beatrix. Foi bom que a França lhe desse a comenda da Legião de Honra; foi bom, mas nem era preciso. Porque para nós, do Brasil, você foi a própria honra da França, em um momento negro em que parecia que não havia mais honra, e que não havia mais França. Você foi o sacrifício verdadeiro, você foi a esperança com toda a força desesperada que ela tem. Eu renovo o meu abraço, agora lúcido, e sempre comovido. Meu abraço para você, e minhas felicitações à França, por você.

3/1/52

R. B.